Uma lente sobre a justiça: registro visual das manifestações indígenas contra o marco temporal em Brasília

A lens on justice: visual record of indigenous demonstrations against the temporal framework in Brasilia

Ramon José Gusso
http://lattes.cnpq.br/3829796105253301
https://orcid.org/0000-0002-5170-3617
prof.ramongusso@gmail.com

Doutor em Sociologia-Política — UFSC, pesquisador PNPD/Diretoria de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia — IPEA.

Resumo: Este ensaio registra duas manifestações indígenas realizadas em Brasília contra a proposta de estabelecer um marco temporal para a demarcação de Terras Indígenas. Essa sugere que apenas aqueles povos indígenas que efetivamente ocupassem um território até a data de 05 de outubro de 1988, quando foi promulgada a Constituição Federal, teriam direito à demarcação de suas terras. A disputa sobre a definição do marco temporal é alvo de julgamento pelo Superior Tribunal Federal.

Palavras-chave: Manifestações indígenas, marco temporal, Brasília, justiça, fotografia

Abstract: *This essay registers two indigenous demonstrations held in Brasilia against the proposal to establish a temporal framework for the demarcation of Indigenous Lands. This proposal suggests that only those indigenous peoples who effectively occupied a territory on October 5, 1988, when the Federal Constitution was promulgated, had the right to land demarcation. The dispute over the definition of the temporal framework is subject to judgment by the Brazilian Supreme Court.*

Keywords*: Indigenous demonstrations, temporal framework, Brasilia, Justice, photography.*

O contexto

Este ensaio foi produzido no decorrer de duas manifestações indígenas realizadas em Brasília e mobilizadas pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), contanto com a presença de povos de todas as regiões brasileiras, em um contexto político hostil às pautas das populações indígenas. A primeira manifestação ocorreu durante o julgamento[1] sobre o Marco Temporal (MT) no âmbito do Superior Tribunal Federal — STF, em 25 de agosto de 2021; o segundo registro foi concretizado em 09 de abril de 2022, na marcha mobilizada a partir do Acampamento Terra Livre (ATL).

Nesse contexto se insere o debate sobre o Projeto de Lei (PL) 490/2007, chamado de Marco Temporal e cuja proposta propõe que só teriam direito ao usufruto da terra os povos indígenas que ocupassem um determinado território até a data limite de 05 de outubro de 1988, quando foi promulgada a atual Constituição Federal (CF). No STF encontram-se ainda três ações que pedem a revogação de Terras Indígenas (TIs) e a reintegração da posse para o Estado de Santa Catarina (SC)[2], tendo como argumento o marco temporal. Em 2019, o STF deliberou que o julgamento dessas ações é de repercussão geral para a definição das disputas e para as futuras demarcações.

1. O julgamento foi suspenso em setembro de 2021.

2. Recurso Extraordinário nº 1.017.365, em que SC reivindica a reintegração de posse da área localizada na linha Esperança/Bonsucesso, em Itaió; a Ação Cível Originária (ACO) nº 1.100 que pede a anulação da demarcação da TI Ibirama Laklaño, dos povos Xokleng, Gurarani e Kaingang, no Alto Vale do Itajaí e a ACO nº 2323 para a reintegração de posse da TI Morro dos Cavalos da comunidade Guarani Mbyá e Nhandeva, em Palhoça.

RRITORIO ANCESTRA
Terena

DA DAS

A marcha

Toda ação de protesto exige a identificação de um opositor ou inimigo, mas demanda também organização, mobilização e reflexão sobre os repertórios que serão colocados em prática (TARROW, 2014). Em protestos há performances, ritos, rotinas, divisão de tarefas e comunicação. Há ainda uma afirmação identitária e de pertencimento a um coletivo ou a uma causa (MELUCCI, 2001; DIANI e BISON, 2010). Somada a essas características, a emoção em suas diferentes formas é um fator agregador e vibrante, capaz de tornar audível as mais diversas lutas que perturbam o silêncio do poder (JASPER, 2011).

As manifestações dos povos indígenas contra o marco temporal em Brasília reúnem todas essas características e não podem ser vistas como eventos isolados, mas parte de um ciclo de protestos (TARROW, 2014), que se articulam na defesa de sua existência e de suas terras. Expressam um alto nível organizacional; mobilizam redes de apoio nacional e internacional; distribuem múltiplas funções entre os organizadores, permitindo o deslocamento de milhares de indígenas de todas as regiões do país, que acampam durante semanas na capital federal. Todas as marchas são realizadas a partir de alas, cada qual representando uma etnia, com cantos, cores, incensos e mensagens, reafirmando o seu pertencimento, a sua causa e a urgência de sua luta. Juntas, as alas abrem frestas na paisagem da cidade modernista, ocupando o eixo monumental com as marca de sua ancestralidade. São o contraste entre a arquitetura branca da capital do Brasil com os corpos em brasa e ameaçados pelo latifúndio, pelo estado e pelos preconceitos que se materializam nas tentativas de justificar política e juridicamente o marco temporal. As marchas são ritmadas, quase diárias, num percurso extenso entre a Torre de TV à Praça dos Três Poderes. O sol e a seca do Cerrado tornam o percurso ainda mais extenuante, mas não se intimidam: cantam, dançam e caminham em um ritmo forte e acelerado durante todo o percurso, demonstrando força e união, em meio a tanta diversidade.

O registro

Há muitas maneiras para se registrar protestos, sendo duas as mais usuais. Na primeira, a partir da escolha de um ponto estratégico e fixo do evento se faz o registro dos manifestantes, de acordo com o cenário e os objetivos previamente estabelecidos. Outra possibilidade, mais participativa, consiste em acompanhar a própria dinâmica do protesto, do início ao seu desfecho. Uma fotografia em movimento, próxima aos atores da ação, que acompanha o seu ritmo, entrecruzando olhares, gestos e passos.

O olhar de quem registra imagens procura cenas significativas da ação, contudo, muitas vezes, ao entrar no fluxo da manifestação, o olhar se perde, é atravessado de emoção e por outros fotógrafos e fotógrafas que tentam transformar aquele momento em uma imagem de impacto. Nas marchas realizadas pelos movimentos indígenas em Brasília é possível observar dezenas de fotógrafas e fotógrafos amadores, profissionais da imprensa e entre os próprios manifestantes. Importante destacar o papel da "Mídia Índia" nesses eventos para a construção de registros representativos e sem vieses que são utilizados como uma ferramenta política para o fortalecimento de suas lutas. Nos dois eventos registrados procurei interagir com os participantes, não ocultei a minha presença, acompanhei o ritmo da manifestação, entrecruzei olhares e sorrisos e disputei ângulos com outros fotógrafos e fotógrafas.

As marchas dos povos indígenas que ocupam a capital do país são manifestações plurais de performatividade concertada, que conectam as dimensões material, corporal, discursiva e visual (Butler, 2018), sendo politicamente potentes para o entendimento do Brasil e de suas lutas seculares por território, representação e existência.

Referências

APIB. Marco Temporal. Disponível em: <https://apiboficial.org/marco-temporal/>. Consultado em 9/02/2023

BUTLER, Judith. Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DIANI, Mario; BISON, Ivano. Organizações, coalizões e movimentos. Revista Brasileira de Ciência Política, On Line, n. 3, p.220–249, maio 2010. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/6564>. Acesso em: 18 fev. 2022.

JASPER James M.. Emotions and Social Movements: Twenty Years of Theory and Research. Annual Review of Sociology. 37, 2011. Disponível em:<10.1146/annurev-soc-081309–150015>. Acesso em 03 mar.2022.

MELUCCI, Alberto. A invenção do presente. Movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis,RJ: Vozes, 2001.

STF. Recurso Extraordinário nº 1017365. Disponível em:<https://redir.stf.jus.br/estfvisualizadorpub/jsp/consultarprocessoeletronico/ConsultarProcessoEletronico.jsf?seqobjetoincidente=5109720>. Consultado em 08.fev.2023.

TARROW, Sidney. O poder em movimento: movimentos sociais e confrontos politicos Petrópolis: Vozes, 2009.